

# FORÇA DE LINHA: PRESENÇA DE NEGROS NO FRONT DE BATALHA NA GUERRA DO PARAGUAI (1865-1870)

Aluísio Gonçalves de Farias<sup>1</sup>

✦

O objeto de análise deste artigo é a fotografia encontrada no livro de Ricardo Salles – *Guerra do Paraguai: Memória e Imagem* (Imagem nº1), página 32, publicado pela Biblioteca Nacional. A citada imagem traz como personagens, soldados que estão em posição de revista (ou seja, prontos para passarem por uma inspeção de seus superiores). O estudo desta imagem revela pessoas da etnia negra e que, de acordo com o período trabalhado (século XIX), trata-se de elementos inferiores da sociedade escravista imperial, que serviam de mão de obra para a economia. A observação da foto passa por uma perspectiva da história social, em que apenas recentemente a historiografia lançou luz sobre esta parte da história e desse segmento social tão importante, que é o estudo da etnia negra no Brasil.

---

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação em História/UFMT. Bolsista Capes.

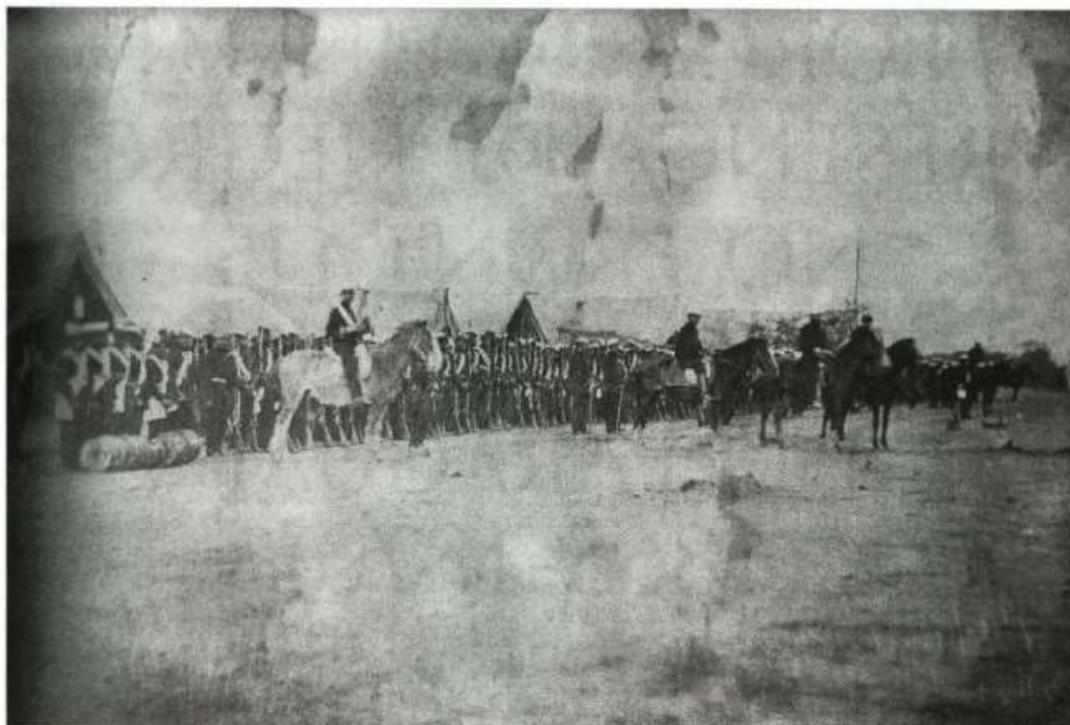


Imagem nº 01. Fonte: Tropa em revista (Fotografia sem autoria). SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai - memórias e imagens*. Rio de Janeiro: Editora Miguel de Cervantes, 2003. 11x16. P. 32

A imagem acima foi reproduzida a partir de uma digitalização da foto original que se encontra na Biblioteca Nacional. A imagem está amarelada, com algumas manchas no lado superior da foto; temos também uma mancha de cor escura no lado esquerda da imagem; porém, a visibilidade é boa. A imagem mede em torno de 11 cm de altura por 16 de largura. A fotografia foi registrada de longa distância; o que dificulta a leitura mais detalhada. Contudo, identificamos aspectos como os homens que estão “em forma” e que demonstram estarem prontos para guerrear, uma vez que o fotógrafo conseguiu enquadrar quase que a unidade inteira na foto.

Essa representação fotográfica é parte integrante da obra *Memórias e Imagens*, do historiador Ricardo Salles, que retrata a Guerra do Paraguai através de imagens. A partir dessa imagem é que pretendemos apresentar a rica iconografia produzida durante a Guerra do Paraguai, na qual, apesar de que a tecnologia da fotografia naquele momento era incipiente, fora produzida uma quantidade expressiva fotografia; além do fato de que essa foi a primeira Guerra a ser registrada por imagens na América Latina.

A unidade militar está representada na foto por dezenas de componentes, onde temos homens em solo, que são os soldados e outros que estão montados e que fazem parte do comando da referida unidade.

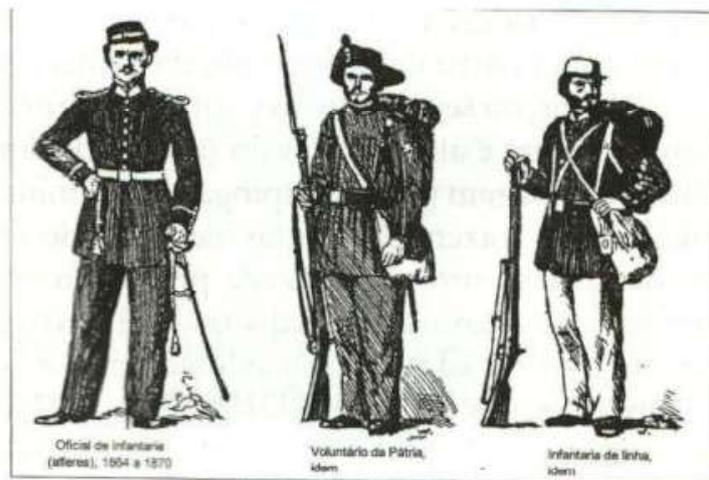
A imagem nos dá a idéia de preparação para uma ação militar. Esta percepção é possível a partir da observação da forma como estão organizados os soldados, ou seja, alinhados, em pé e uniformizados; com seus superiores a frente e alguns à cavalo (aproximadamente 6).

Os soldados da imagem portam espingardas fulminantes, usando sistema Minié, as quais trazem nas pontas baionetas do tipo triangular. Essa espécie de armamento era utilizada pelo exército de linha no front de Batalha e alcançava uma média de 825 metros de distância quando disparada (projetada) e, é considerada muito mais eficiente que as espingardas usadas até então (DUARTE, 1981:164).

Ainda na imagem nº1, pode-se observar que soldados vestem uniformes, com uma faixa clara (branca) presa no ombro; as vestimentas padronizadas em tonalidade escura; eles usam cap (cobertura) em tonalidade clara sobre a cabeça; cintos claros; calçados que não aparentam serem botas e junto a cada um desses soldados que estão em pé, aparecem apoiadas no solo pontas de espingardas Minié, usadas na Guerra do Paraguai.

Na extremidade esquerda da imagem, percebemos cinco soldados com iguais vestimentas; porém, com dupla faixa presa no ombro, formando uma espécie de "X" na altura do peito; usam um cap (cobertura) sobre a cabeça e, ao chão, a frente desses cinco soldados, podemos observar alguns objetos que caracterizamos como instrumentos musicais, provavelmente tambores. Isso deixa implícita a idéia de uma ação não rotineira; ou seja, uma possível recepção de visitantes, ou ainda uma preparação em vistoria por superiores para o front de batalha.

Ainda com relação aos uniformes, torna-se necessário observarmos a imagem número 02 que nos possibilita visualizar melhor os detalhes das fardas e compara-las com as da imagem número 01.



Tipos militares. Guerra do Paraguai

Imagem nº2. Imagem de fardas usadas na Guerra do Paraguai. Fonte: BARROSO, Gustavo. História Militar do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000. p. 75.

A gravura apresentada na figura número 02 diz respeito aos uniformes militares utilizados durante a Guerra do Paraguai. Nesta imagem, as três figuras caracterizam as forças de linhas que lutavam no front de batalha. Da esquerda para direita temos: primeiro, um oficial (alfere) da Infantaria ligeira, que com sua espada e sua franja de dragona nos ombros, diferenciava dos soldados, utiliza também um cap escuro e um cinto branco; segundo, temos a representação de um Voluntário da Pátria. O que nos confirma esta informação são as características identificadas na imagem, através de personagem que traz uma bolsa branca de tecido no lado esquerdo do corpo e em sua mão direita uma espingarda do tipo “Minié”, além de ter uma cobertura tipo chapéu, na qual há um sabre-baioneta, há também os símbolos da Monarquia no braço esquerdo; isso tudo na perspectiva descritiva do historiador militar Gustavo Barroso; e em terceiro, temos um soldado da infantaria da linha, que está apoiado com a mão direita em uma carabina, utiliza também cap (cobertura) cor clara, uma mochila nas costas e uma bolsa cor clara no lado esquerdo do corpo.

Os uniformes representados na imagem nº 02 foram projetados pelo Império para vestir o Exército brasileiro; porém, a sua aplicação efetiva foi complicada, uma vez que não havia uma “uniformização” dos corpos militares atuantes na guerra. Como afirma Castro:

No período até meados do século XIX no Brasil, assim como na maioria dos exércitos do mundo, as fardas militares até então eram muito poucos “uniformes”, no sentido de que não se assemelhavam entre si. Na verdade havia uma imensa profusão de estilos, cortes e cores, variando de forma muitas vezes dramática [...] (CASTRO, SD, p. 6).

Outro aspecto importante quanto ao fardamento é a utilidade deste na frente de batalha. Retomando a nossa imagem de análise, fotografia nº 02, é possível observar, como já foi dito, que há uma diferenciação de vestimentas entre os comandantes montados a cavalo situados a frente dos soldados enfileirados, estes utilizam uma roupa mais escura, enquanto os soldados usam fardas com detalhes mais claros. Estes elementos diferenciados servem para que o comandante no front de batalha consiga destacar os soldados sobre seu controle e assim, criar táticas mais eficientes.

Quanto ao material utilizado para a confecção das fardas durante os anos da guerra, tiveram que ser adaptados e repensados, uma vez que até então os fardamentos eram muito caros para o Império, pois tinham muitos detalhes e peças de diferenciação da oficialidade para o alto comando; assim, era necessário reformar os fardamentos da época, para uma diminuição dos custos.

A descrição desses fardamentos nos remete à análise da imagem nº 01, na qual temos os soldados negros fardados, uma vez que é perceptível que, no momento em que foi registrada a foto, o Império, como já vimos, possuía uma política de “uniformização” das fardas militares e, portanto, as roupas que os soldados estavam usando eram de brim de cor escura adequado às condições climáticas do período, este material utilizado na fabricação das fardas é reflexo das mudanças implantadas por D. Pedro II, o que nos confirma que esses soldados estavam em ação no inverno.

A respeito do local da imagem nº 01, percebemos que se trata de um acampamento do grupo militar. No fundo da referida imagem aparecem várias barracas, que aparentemente foram construídas com lonas. O local a frente dessa unidade militar, aparenta estar limpo, sem gramíneas e outras vegetações. Dessa forma, conclui-se que o solo foi preparado para essa estada. Sobre essa observação é pertinente salientar a grande importância dos acampamentos para as estratégias militares, conforme podemos confirmar na citação de Clausewitz:

Los campamentos, que responden a la disposición de las tropas en concentración, o sea, listas para el combate, son lugares donde las tropas descansan y se reponen. Al mismo tiempo entrañan también la decisión estratégica de presentar batalla en el mismo lugar donde están situados, de modo que la forma en que son establecidos indica ya a las claras el plan general del encuentro, condición ésta de la cual se desprende todo encuentro defensivo. Los campamentos son, por lo tanto, partes esenciales de la estrategia y de la táctica (CLAUSEWITZ, 2002, p. 56).

Como podemos observar na citação, os acampamentos funcionaram como uma parte da logística da guerra, ou seja, eram o ponto crucial para o desenvolvimento do conflito; por isso, ao observarmos as barraquinhas no fundo da fotografia, podemos concluir que estas tratam de um lugar onde aconteciam o descanso dos soldados e as tomadas de decisões, bem como eram o ponto de grande concentração da soldadesca.

Ainda com relação à imagem número 01, é possível identificar pessoas da etnia negra usando fardas de voluntários da Pátria. A análise nos permite identificar essas pessoas, conforme caracterizadas na imagem, como descendentes de diversos grupos étnicos introduzidos no Brasil como base da economia escravista trazida da África.

A escravidão negra africana usada como mão de obra significou o braço forte da economia colonial açucareira e mineradora, uma vez que esse foi o principal mecanismo de desenvolvimento e que possibilitou uma eficaz exploração dos recursos do novo mundo. O sistema escravista que pendurou por quase 400 anos, foi fortalecido devido a um rico mecanismo de tráfico negreiro que enriqueceu seus promotores, comercializadores de vidas, em troca de fumo, cachaça e outras especiarias na costa do continente africano.

Ao observarmos as pessoas da figura número 01, detectamos que são pessoas negras; porém, não podemos concluir que todos são escravos, visto que, é interessante lembrarmos que durante a Guerra do Paraguai (1865-1870), o tráfico negreiro que abastecia o sistema escravocrata com mão-de-obra, já havia sido proibido desde o ano de 1850 por pressões da Inglaterra. Desse modo, o preço de um escravo depois dessa data ficou extremamente caro. Assim, tornara-se muito oneroso para os proprietários de grandes engenhos disporem dessa mão-de-obra para engrossar as fileiras do Exército.

Durante as décadas de 1850 até anos de 1860, a economia brasileira passou a ter grande desenvolvimento, uma vez que iniciaram as grandes plantações de café na região do Oeste paulista, e esse crescimento era seguido por uma forte necessidade de mão de obra. Diante das dificuldades de conseguir escravos e devido ao aumento de seu preço, inicia-se o tráfico inter-provincial, para suprir as necessidades. Como o tráfico intercontinental foi abolido pela pressão inglesa; logo, não havia uma renovação de mão-de-obra, ou ainda, essa tornou-se escassa.

Um dos elementos considerados como colaborador para o “fim” da escravidão no Brasil, foi justamente a Guerra do Paraguai; ou mais precisamente a formação de um Exército profissional, que tinha em

suas fileiras diversos segmentos sociais, inclusive negros escravos, alforriados, trabalhadores urbanos, entre outros. Esse fato descortina uma enorme contradição enfrentada pelo Império.

A destruição do Império, ou melhor, a proclamação da República ocorre em 1889, um ano depois da Abolição da Escravatura. O Exército, junto com a elite cafeicultora estava insatisfeito com a monarquia implanta a República. Ele saiu da Guerra do Paraguai fortalecido politicamente e socialmente, momento em que consegue grande prestígio na população, pois até então a Guarda Nacional era a principal força do Império.

A Guerra do Paraguai foi um conflito que remonta ao período colonial dos países envolvidos, onde tínhamos toda uma discussão pela delimitação das fronteiras, entre o Império Lusitano e o Espanhol. Assim, esses problemas não foram solucionados. Com isso, após a independência desses países e a partir da consolidação dos Estados tiveram seus interesses confrontados.

Uma dessas regiões litigiosa foi a de Mato Grosso, onde o rio Branco era o marco natural que dividia o Paraguai do Brasil; porém, os Paraguaio defendiam que a verdadeira divisa era o rio Apa, remetendo ao antigo Tratado de Madrid.

Além dos conflitos referentes às fronteiras, tivemos outras questões políticas intensas, como choque de interesse entre o Paraguai e a Argentina. Este último Estado desejava reconstruir o antigo Vice-Reino do Prata, onde Buenos Aires era o centro administrativo e portanto, atrapalhava os interesses paraguaio. Além desses fatores, tem a questão fluvial, onde o Rio Paraguai representava o elemento primordial da região; porém, a desembocadura desse rio era controlada pelos portenhos, esse mesmo rio também era usado como rota pelos brasileiros para chegar à Província de Mato Grosso.

Como podemos observar, a Guerra do Paraguai foi um conflito onde as causas são os constantes choques de interesses num momento em que os incipientes Estados estão em construção. E, portanto, como nos diz Doratioto: *As causas da guerra devem ser buscadas na própria dinâmica da construção dos Estados nacionais na região do Rio de Prata* (DORATIOTO, 1991, p. 70).

Em Dezembro de 1864 inicia-se oficialmente a Guerra do Paraguai, pois temos a invasão a Província de Mato Grosso, uma região distante dos olhos e da proteção do Império brasileiro. Através de uma invasão feita por duas expedições militares saídas de Assunção. Após esse fato, em 1865, temos outras invasões dos paraguaio, em Uruguaiana na Província de Rio Grande do Sul e em Corriente, na Argentina.

Esse conflito ocorre diante das constantes intervenções na década de 1860, do Brasil no Uruguai, além dos choques constantes de Buenos Aires com Assunção. No Uruguai os blancos estavam no poder que representava os conservadores. Por outro lado, os colorados, do partido liberal representado por Venâncio Flores, estavam insatisfeitos com a situação e passam a ter apoio dos liberais argentinos para intervir no país oriental. Ainda nesta discussão, está inserido o Brasil, que tinha os liberais no poder. Os colorados passam a ter o apoio desses dois países, e passam a pressionar os conservadores para saírem do poder no Uruguai.

Toda esta situação deixa o Paraguai em conflito direto com a Argentina e com o Brasil; visto que os paraguaios saíram em defesa dos conservadores uruguaios. Além desse conflito aberto, havia também o conflito das províncias de Entre Rios e Corrientes, duas regiões contra Buenos Aires e que recebiam o apoio dos paraguaios para se rebelarem contra os portenhos. Este choque deixa a situação tensa entre argentinos e paraguaios.

Nesse contexto, temos as reclamações de brasileiros que moravam em territórios uruguaios e que escreveram ao Rio de Janeiro denunciando perseguições que sofrem por parte de conservadores. Assim, o Brasil intima aos blancos a saírem do poder, e estes não obedeceram; então tropas brasileiras são enviadas para o Uruguai.

Naquele momento, a diplomacia paraguaia reage dizendo que estas constantes intervenções provocariam um desequilíbrio no Prata, e em novembro de 1864, tivemos a apreensão do navio Marquês de Olinda em Assunção, uma resposta a insatisfação paraguaia da política brasileira.

Diante de todos esses fatos, registrou-se em dezembro 1864 a declaração oficial da Guerra com a invasão ao Mato Grosso.

Quando ocorre a Guerra do Paraguai, o exército brasileiro estava com organização prescrita pelo Decreto de 1860, onde fixava 28 unidades de diferentes efetivos, distribuídos em todo território nacional, visto que naquele momento as armas destacadas eram artilharias, infantarias ligeiras e pesadas (granadeiros) e cavalarias (DUARTE, 1981). Esse efetivo era pouco para uma guerra de enorme proporção. Além desse problema, o exército brasileiro não contava com um corpo efetivo de reserva, pois o serviço militar não era obrigatório e, portanto, não havia homens disponibilizados em quantidade suficiente para a defesa das fronteiras.

Diante dessa situação, a Guarda Nacional teve que ser empregada como Força de Linha, ou seja, atuar diretamente no front de ataques e,

portanto, ser transformada em Infantaria. Porém, havia um problema nisso. Como já mencionamos neste artigo, essa instituição era de caráter civil e urbano e, portanto, proibida de cruzar as fronteiras do império. Criou-se então o Decreto número 3.371, através do qual a Guarda Nacional passou a se chamar de “Corpos Destacados ou Voluntários da Pátria”. A partir desse decreto, a Guarda Nacional, que tinha um caráter elitista, passou a aceitar os praças vindos do Exército.

Mesmo com o citado decreto, o problema de falta de efetivo continuou. Isso fez com que fosse criado um segundo Decreto em 1867, o de número 3.972, que estendia o voluntarismo a toda a população do Império. Nesta situação de alistamento compulsório estavam enquadrados primeiro os policiais de várias províncias, que por se tratar de pessoas que sabiam atirar e tinham algumas instruções foram recrutados. Esse recrutamento é o limite máximo que pode fazer de homens diante de uma guerra, pois a força policial é uma força interna para segurança da sociedade. Isso demonstra o grau de necessidade de efetivo para o conflito.

A lei do voluntarismo, em janeiro de 1865, implicava na transformação da Guarda Nacional em voluntários, porém é importante salientar o caráter elitista que representava essa instituição e que servia às elites locais mais distantes do Império e ainda atendia aos interesses da ordem social.

Nesse mesmo contexto observarmos que a taxaço pela posse do escravo no setor urbano tornou-se onerosa para os proprietários, isso era uma forma que também favorecia a substituição de mão-de-obra escrava pela livre assalariada. Outro aspecto era a preocupação da elite oligárquica com a concentração de negros no perímetro urbano, visto que estes poderiam se revoltar contra a sociedade. Logo, o envio dessas pessoas para a Guerra seria uma boa solução.

Em 6 novembro de 1866, o Império promete libertar os negros que lutarem na Guerra. Essa era mais uma forma de avolumar as fileiras do Exército; pois, no período anterior de dois meses a essa promessa do Império, tivemos a grande derrota das tropas aliadas em Setembro do mesmo ano em Curupaiti.

Esse contingente de negros que lutaram na Guerra do Paraguai era formado não apenas por escravos. É bom lembrar que durante os anos da guerra, ser negro não significava necessariamente ser escravo, pois desde a década de 1850, como já foi dito, deu início ao processo de emancipação da escravatura, e também já era grande o número de negros alforriados e mestiços que trabalhavam no âmbito urbano (SALLES, 1990).

Podemos concluir com a nossa análise da imagem número 01, dos soldados da etnia negra fardados, revela um universo social de contradições do período imperial, com identificação de pessoas que não eram consideradas cidadãos e, portanto, marginalizadas, lutando em um conflito que não lhes pertencia, mas que estavam inseridos devido a uma política militar intensa do Império, com suas estratégias e violências.

Após a perda em Curupaiti, as tropas da aliança ficaram estacionadas por um longo tempo em 1867 em Tuiuti. Foi nesse período que ocorreu uma grande atuação de fotógrafos na Guerra do Paraguai.

Esses fotógrafos tiveram um papel importante para o registro do conflito, porém sem quase nenhum incentivo público, tendo apoio apenas do governo uruguaio. Ao contrário do que se poderia imaginar, o governo brasileiro na pessoa de Dom Pedro II, que era um grande apreciador e fomentador de arte, não incentivou a cobertura da guerra.

Essa guerra foi a primeira a ser acompanhada e também a ter cobertura através de ilustrações que levavam ao público das grandes capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideu, figuras da guerra, como imagens de soldados, acampamentos, oficiais durante a guerra, etc. Estas figuras eram cópias de fotografias, feitas à mão, uma vez que a fotografia nos anos iniciais (1865) era de difícil circulação.

Em 1839 ocorre a invenção do daguerreótipo que possibilitou a impressão da imagem em metal, mesmo tendo uma pequena popularidade nesses anos iniciais, essa técnica foi aperfeiçoada e durante os anos do conflito houve a “elaboração de um negativo à base de colódio sobre chapas de vidro ou metal e a possibilidade de produção de múltiplas ampliações sobre papel [...]” (TORAL, 2001, p. 78).

Os fotógrafos que atuaram na guerra foram formados em grande parte por profissionais que se encontravam nas regiões próximas ao conflito, como os de Rio Grande do Sul e os de Uruguai. Neste último, eles receberam apoio do governo e seguiram as expedições militares no front da batalha e nos acampamentos. Assim, tínhamos os estúdios de Desiderio Jouant, Chutte & Brooks e Bate & Cia que fizeram muitas fotografias (TORAL, 2001, p. 86).

Em 1859 foi criada em solo uruguaio a firma Bate & Cia que foi a mais atuante, uma vez que seus proprietários, os irmãos Bate (norte-americanos), estavam mais próximos do conflito. Foi nessa firma que o técnico em fotografia Estaban Garcia (TORAL, 2001, p. 91) atou intensamente no front, registrando os mais cruéis acontecimentos da Guerra, como uma foto que ele fez de um monte de cadáveres secos, muitos cobertos com um tecido fino; ou seja, mostrava a crueldade de uma guerra dessa proporção. Esse tipo de imagem servia de

denúncia para a população dos países envolvidos e mostrava o que antes nunca havia sido feito: levar a representação da realidade de uma guerra para as mais distantes localidades.

Estaban Garcia também registrou o cotidiano desse conflito, como o front de batalhas com a artilharia brasileira em ação e a trincheira da infantaria brasileira e uruguaia. Este profissional “trabalhava com grandes negativos de colódio úmido sobre placa de vidro de 20 cm por 14 cm, em precários laboratórios montados em tendas de acampamentos” (TORAL, 2001, p. 79). Estas fotos, por ele produzidas, referem-se em grande parte, às vistas da guerra, ou seja, imagens que representassem a confronto, a ação em si.

Os soldados brasileiros foram vistos pela primeira vez em ação registrada pelos fotógrafos com suas câmeras. Assim, temos a imagem dos mais variados tipos de elementos militares, como artilharia, infantaria, caçadores, granadeiros, etc.

Um dos personagens que mais chamou atenção na imagem analisada neste trabalho foi a presença de negros no front de batalha durante a Guerra do Paraguai. Personagens que estão enquadrados dentro das estratégias de recrutamentos e mobilização de forças do Império e que diante de uma extrema necessidade de homens para o conflito se viu obrigado a recrutar um maior número possível, independente se negros, mestiços, indígenas, ou brancos.

## REFERÊNCIAS

- BARROSO, Gustavo. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.
- CASTRO, Adler Homero Fonseca. **Uniformes da Guerra do Paraguai**. Artigo Publicado no site da Biblioteca Nacional: <http://www.consortio.bn.br/guerrado-paraguai/artigos/Adler%20Uniformes%20da%20Guerra%20do%20Paraguai.pdf>. Página acessada em 15-09-07.
- CLAUSEWITZ, Karl von. **De la guerra**. Librodot . 2002. (Editora <http://www.librodot.com>)
- DORATIOTO, Francisco. **A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. Volume I Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.
- KEEGAN, John. 1995. **Uma História da Guerra**. São Paulo. Cia. das Letras.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2ª Edição Revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. **Guerra do Paraguai: Memórias e Imagens.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2003.

SOUZA, Jorge Prata de. **Escravidão ou Morte: Os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai.** Rio de Janeiro: Mauad, ADESA, 1996.

TORAL, André. **Imagens em Desordem: iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870) – São Paulo: Humanitas/FFCL-USP, 2001.**